

De ovelha a lobo: efeitos discursivos da construção do *ethos* do aluno em charges sobre a educação de ontem e de hoje

Eveline Coelho Cardoso (UFF)

Resumo

O presente trabalho está ancorado numa perspectiva semiolinguística de análise do discurso, a qual articula uma abordagem que privilegia os sentidos de um texto sem perder o foco de sua materialidade linguística. Trata-se de uma perspectiva teórica que atribui papel central ao sujeito, entendido como autor do seu dizer e movido por estratégias ligadas a um projeto de fala intencional. Partimos dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no curso de mestrado sobre o *ethos* do enunciador de atas escolares, interessando-nos agora por um possível estudo comparativo dos imaginários construídos socialmente ao longo do tempo a respeito da escola, professores e alunos. Encontramos em charges contemporâneas um objeto fecundo a tal reflexão, uma vez que se trata de um gênero baseado na criação caricatural de um determinado tipo social. Através de um breve estudo das relações entre linguagem verbal e não verbal observadas no discurso de quatro charges, pretendemos mostrar alguns efeitos de sentido da criação do *ethos* do aluno de hoje como um indivíduo dominante e violento em contrapartida à criança ordeira e generosa que o representava outrora.

1. Introdução

Este trabalho se fundamenta numa perspectiva semiolinguística de análise do discurso, elaborada por Patrick Charaudeau, que procura aplicar ao estudo de qualquer texto uma abordagem que privilegie os sentidos sem, contudo, perder o foco da materialidade linguística que os veicula. Sob esse olhar teórico, a linguagem é mobilizada por sujeitos concretos e historicamente situados que dão origem a um processo de semiotização do mundo enquanto protagonizam os atos comunicativos.

Conforme seu autor, tal perspectiva de análise do discurso procura investigar esse fenômeno partir dos aspectos psicossociolinguageiros da construção do sentido, sendo uma maneira de problematizar o discurso. Isso significa empreender um esforço transdisciplinar na tentativa de dar conta de maneira mais satisfatória da complexidade do fenômeno da linguagem em suas múltiplas dimensões.

Charaudeau (2005, p. 13) defende que, no estudo da linguagem em uso, é preciso reconhecer aspectos mais externos – ligados à ação e à influência; e também aspectos mais internos – ligados à construção do sentido e do texto. No dizer de Machado (2008, p. 180-181), a semiolinguística atua a partir de um duplo *enjeu* ou desejo: colocar em destaque as funções dos diferentes sujeitos nos atos de linguagem do cotidiano e, ao mesmo tempo, manter uma base linguística que apoie suas interpretações. Eis a razão do termo que Charaudeau escolheu para nomear o seu projeto teórico:

Semio- de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do *sentido* e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *linguística* para destacar (...) a matéria principal da *forma* em questão – a das *linguas naturais* (2005, p. 180-181, grifos do autor).

Em relação a outros vieses de análise do discurso, a semiolinguística tem a particularidade de dar aos sujeitos um papel central na teoria, atribuindo-lhes uma intencionalidade que os impele a se colocarem na chamada *mise-en-scène* discursiva. Nessa perspectiva, cria-se um sujeito que empreende conscientemente uma aposta em direção ao Outro, lançando mão dos diferentes recursos disponíveis na língua em prol de estratégias elaboradas para alcançar seus objetivos na troca. Não mais visto como inconsciente e assujeitado, como propõe a análise do discurso francesa tradicional, o sujeito aqui se torna autor e responsável pelo seu dizer, não se desprezando, contudo, as influências que este possa sofrer do meio social e cultural.

O tema deste trabalho, voltado para a análise da imagem construída de alunos em charges atuais, foi escolhido com o objetivo de dialogar com os resultados de uma pesquisa sobre o *ethos* do enunciador de atas escolares, desenvolvida anteriormente no curso de mestrado¹. Tendo em vista a ampliação das reflexões acerca do discurso pedagógico nesse sentido, esta publicação vislumbra ainda um possível estudo comparativo mais aprofundado sobre os imaginários de escola, professor e aluno construídos socialmente ao longo do tempo.

O objeto de estudo analisado aqui será, então, quatro charges selecionadas por fazerem referência a um recorte histórico e evolutivo da educação, em que é possível perceber um contraponto entre imagens sociais construídas especialmente do aluno no passado e na atualidade. Para analisarmos nosso *corpus*, faremos algumas considerações sobre ele a partir do conceito de gêneros discursivos e pelo viés da Semiolinguística, que nos traz uma grande fundamentação para o estudo do discurso da mídia – contexto de publicação das charges. Mobilizamos também os conceitos de *ethos* e *pathos* a fim de iluminar o estudo da construção do discurso multimodal das charges e dos efeitos de sentido que dele podem emergir, previstos ou não pelo chargista.

2. Um pouco sobre charges

A palavra “charge” vem do francês *charger*, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente. Tendo origem na iconografia medieval e no jornalismo ilustrado dos séculos XVIII e XIX, as charges são textos dispostos em pequenos quadros, divididos ou não, que se constroem pela integração entre o signo verbal e não

¹ CARDOSO, Eveline. *Ethos e Polifonia no discurso do relator em atas pedagógicas*. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

verbal ou somente pelo signo verbal.

Como os demais gêneros do domínio jornalístico, procuram retratar fatos e situações do domínio cultural, esportivo, político etc., contemporâneos de um determinado público situado, por sua vez, em determinado contexto sócio-histórico. Seu diferencial em relação ao comprometimento com a “realidade e credibilidade” que geralmente caracteriza o texto midiático é construir uma representação dos fatos bastante particular, pelo viés do humor e da ironia.

Atualmente, esse gênero é veiculado em jornais, revistas e na Internet, já tendo sido produzido também em versão animada².

No Brasil, as charges evoluíram de um instrumento meramente ilustrativo das elites europeias para um importante veículo público de opinião, ganhando forte caráter político e questionador nos dias atuais (MATIAS, 2010). Seu estilo fez um percurso que se iniciou com a ilustração caricatural, comprometida com a identidade de um sujeito específico a fim de exaltá-la ou questioná-la, e fluiu para a generalização da representação de um indivíduo que dá corpo a uma coletividade, tornando-se mais próxima do leitor e de seus anseios, e capaz de provocar de maneira mais eficaz a sua identificação.

Trata-se de um gênero baseado na criação caricatural e comprometido com imagens cristalizadas de determinados tipos sociais, construindo-se como um registro que reflete pontos de vista e imaginários de um determinado momento histórico.

2.1 As charges e o contrato de informação midiática

Na perspectiva da semiolinguística, enquanto gêneros textuais, as charges integram o projeto de fala de um enunciador midiático, que representa a chamada *instância de produção*, a qual, por sua vez, se dirige a uma *instância de recepção*. O enunciador midiático é movido por duas visadas enunciativas interdependentes (CHARAUDEAU, 2007a): a visada de *informação*, presente em todo texto de natureza midiática; e também a visada predominante de *captação*, ligada ao interesse em despertar o interlocutor/leitor para aquilo que é dito. Segundo Charaudeau, o jornalista se equilibra entre dois papéis na construção de seu discurso: o de pesquisador-fornecedor da informação e o de descritor-comentador.

Embora esteja também envolvido com a questão das fontes, do rigor e da coerência jornalísticos, o chargista empreende uma relativização de seus papéis como pesquisador-fornecedor e descritor-comentador da informação, uma vez que emite um ponto de vista sobre o fato relatado nas charges. Sabemos que esse enunciador interpreta a realidade que quer retratar, ressaltando os aspectos que acha mais relevantes e

² O exemplo “Cuca Campeão da Libertadores” está disponível da página do YouTube, no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=91QEPzblZDA>. (Consulta em 03 de agosto de 2014, às 19:05h)

extrapolando muitas vezes as proporções “reais”, como é comum, nas caricaturas de muitos, lançar mão na produção de seu discurso imagético.

A finalidade do contrato midiático é, portanto, relatar o que ocorre no espaço público, articulando as visadas destinadas a informar ou fazer-saber e captar ou fazer-sentir. Quanto à primeira visada, responde a dois tipos de atividade linguageira, a saber: a *descrição-narração*, que reporta aos fatos do mundo; e a *explicação*, que procura esclarecer suas causas e consequências. É nessa visada informativa que se originam os confrontos da instância midiática com seu dever de credibilidade, pelo qual se comprometem com mostrar a “verdade” dos fatos.

A visada de captação prende a instância midiática à necessidade de emocionar o público, de expressar afetividade para interessar o receptor. Nesse sentido, Charaudeau afirma que ocorre uma contradição durante a produção desse discurso, uma vez que os efeitos de paixão e racionalidade se entrecruzam num processo de tensão. Para o autor, “As mídias não ignoram isso, e seu jogo consiste em navegar entre esses dois polos [credibilidade e captação] ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos” (*op. cit.*, p. 93).

Nessa empreitada mais atrativa do que informativa, o chargista constrói uma relação com um objeto de mundo por meio de um processo de transformação e transação (CHARAUDEAU, 2008b), em que um “mundo a comentar” passa por um trabalho de construção de sentido que o constitui em “mundo comentado”, dirigido a um destinatário cuja identidade se postula. Dessa forma, o acontecimento, no mundo a comentar, recebe o olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e o torna inteligível, baseado em seus saberes de crença e de conhecimento do mundo.

Tal processo, conforme Charaudeau, só se completa uma vez que é submetido a um duplo movimento de percepção-captura-sistematização-estruturação: por parte do sujeito linguageiro, atendendo aos critérios de *atualidade*, *socialidade* e *imprevisibilidade* que atravessam a seleção dos acontecimentos relatados nas charges e em todo discurso midiático, a fim de favorecer a captação da instância receptora para aquilo que é dito; e, da mesma forma, por parte do sujeito interpretante, que reestrutura esse acontecimento segundo sua própria competência e inteligibilidade. Veja-se o esquema proposto pelo autor para o entendimento desse processo:

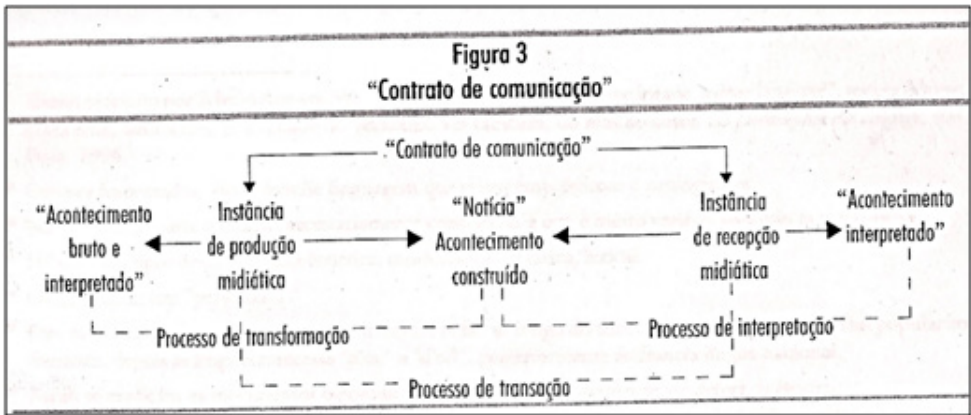


Figura 1. Esquema do contrato comunicativo midiático³

No esquema proposto por Charaudeau, fica claro que o que se entende por “notícia” dentro do contrato comunicativo midiático proposto pela semiolinguística é um acontecimento mediatizado pelo discurso e oriundo de um duplo processo de interpretação e troca que implica tanto o enunciador/jornalista quanto o receptor/leitor.

As charges aqui analisadas constroem o seu dispositivo cênico num suporte material de papel, como outros textos divulgados no dispositivo de imprensa, o que pressupõe uma relação distanciada entre aquele que lê e aquele que escreve, ausência física das instâncias de produção/recepção, um percurso ocular multiorientado, que permite ao que escreve retornar, corrigir, modificar; e, ao que lê, rememorar ou recompor sua leitura. Se estivéssemos analisando uma charge animada, em formato de vídeo, obviamente tais restrições sofreriam variações.

Por sua natureza irreverente, apoiada no humor e na ironia, as charges se aproximam de outros gêneros jornalísticos mais opinativos, tais quais as crônicas ou os editoriais, uma vez que revelam certa personalização do ponto de vista e subjetividade. É assim que esse gênero estrutura o seu propósito por um viés discursivo de opinião e o configura com julgamentos e apreciações que dão livre curso aos sentimentos e pensamentos do produtor.

Constrói-se assim uma relação de parceria entre as instâncias produtora e receptora, na qual ocorre um efeito de “espelho”: os parceiros sintonizam-se pelo viés das representações supostamente partilhadas entre si, as quais circulam livremente sendo levadas pelos discursos. Gera-se assim um espaço para a chamada opinião pública, que, segundo Charaudeau (*op. cit.*), é atravessada por uma dramatização na qual se

³ In: CHARAUDEAU, 2007a, p. 114.

percebem projeções de imagens cristalizadas de sujeitos e acontecimentos capazes de despertar naquele que se informa efeitos discursivos ligados à emoção.

3. Charges, *ethos* e *pathos*

Com origem na retórica clássica, os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* estão ligados à habilidade para compor e expor discursos publicamente. Dessa forma, nessa tradição, tais termos se referiam respectivamente ao sujeito orador e suas estratégias para fazer crer no que enuncia; ao auditório com suas expectativas, disponibilidades e paixões provocadas; e ao próprio discurso proferido como articulação das duas instâncias anteriores, percebidas naquilo que esse discurso demonstra ou parece demonstrar (DISCINI, 2011, p. 33).

Ethos e *pathos* tornam-se categorias importantes para a Análise do Discurso na atualidade por pressuporem e permitirem o estudo da projeção dos interlocutores envolvidos num ato de linguagem. Por esse olhar teórico, esses conceitos representam construções de uma imagem do enunciador e de seu enunciatário originadas no e pelo discurso, mediante seu engajamento em um contrato comunicativo.

Ao se colocar na enunciação, o locutor constrói uma representação de sua pessoa que se reflete no ritmo de sua fala, em seu estilo pessoal, na maneira de se expressar e nas crenças implícitas em seu discurso. Para Amossy (2005, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”.

No dizer de Maingueneau (2008, 2011), as ideias de um locutor suscitam a adesão do leitor sendo expressas por um *ethos* envolvente e invisível, que se reflete num caráter e numa corporalidade, isto é, numa maneira de dizer que é também uma maneira de ser (2008, p. 72). Para o autor, aí reside a eficácia do *ethos*, já que ele se envolve de alguma forma na enunciação sem estar explicitado no enunciado.

Para Charaudeau (2008a, p. 115), o *ethos* resulta da união entre dois componentes identitários do sujeito que enuncia: uma identidade social de locutor, que lhe dá o direito à palavra e funda sua legitimidade a partir do estatuto e do papel que a situação de comunicação lhe conferem; e uma identidade discursiva de enunciador, pela qual ele se atribui diferentes papéis, os quais são restringidos pela situação de comunicação e pelas estratégias seguidas para alcançar os objetivos no contrato.

Na visão desse autor, longe de ser um problema como foi outrora para outros estudiosos, as noções de *ethos* construído e pré-construído podem e devem ser articuladas, uma vez que a imagem de um locutor em seu discurso depende de representações feitas mutuamente pelos parceiros na troca comunicativa:

Nossa posição é a de que para tratar do *ethos* é preciso considerar esses dois aspectos. (...) O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos

dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 115).

Mais voltado para o público receptor de um discurso, o *pathos* é uma categoria ligada às emoções, respondendo à problemática de “como tocar o outro” (CHARAUDEAU, 2007b). Mas as emoções não estão aqui entendidas por um viés psicológico, pelo qual se ligam a reações sensoriais ou comportamentais, ou efeitos de humor ou de caráter. Para a Análise do Discurso de base semiolinguística, as emoções são concebidas como estados mentais intencionais que se apoiam em crenças e se inscrevem, portanto, no dispositivo cênico do ato de linguagem. Nesse sentido, o processo discursivo pelo qual se pretende despertar determinada emoção em um auditório pode ser entendido como efeito de uma visada enunciativa:

(...) persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o predispõem a partilhar o ponto de vista do orador. O sentimento não deve ser confundido com sua expressão (mesmo se esta puder desempenhar um papel determinado), será considerado como um efeito possível que poderá suscitar uma determinada ativação do discurso junto a um determinado público, em uma determinada circunstância (CHARAUDEAU, 2007b, p. 242).

Charaudeau prefere, então, falar em “efeitos patêmicos” no lugar de “emoções”, de modo a especificar o ponto de vista da análise do discurso em relação ao da psicologia ou da sociologia, associando-o, por outro lado, à tradição “retórica dos efeitos”, concebida por Aristóteles (e outros filósofos clássicos).

O autor entende que as palavras não carregam em si os efeitos patêmicos, mas são passíveis de desencadeá-los a depender de aspectos socioculturais dos contextos onde se inscrevem e também de inferências e conhecimentos mobilizados pelos parceiros durante a troca comunicativa. As condições para que tais efeitos sejam produzidos, segundo Charaudeau, são: a existência de uma finalidade e de lugares atribuídos aos sujeitos passíveis de gerar efeitos de ordem patêmica; um campo temático que apoie um universo de patemização por meio dos imaginários sociais que evoca; e também um espaço de estratégias que se valha de visadas patemizantes.

Podemos dizer que as categorias do *ethos* e do *pathos* estão a serviço de uma análise do discurso que privilegie em seu estudo, além dos contextos, também os dispositivos de comunicação. Tais dispositivos atribuem previamente um lugar aos parceiros da troca e dão ao mesmo tempo uma grade de leitura dos signos (CHARAUDEAU, 2010, p. 55). As restrições dadas pelos contratos comunicativos sobredeterminam a produção/recepção dos discursos, regendo ao mesmo tempo a construção/interpretação das imagens de si partilhadas pelos sujeitos.

Os efeitos de *ethos* e *pathos* podem ser mapeados na materialidade textual dos gêneros discursivos através das escolhas linguísticas – vale dizer, no caso das charges, também

as não linguísticas – empreendidas pelo enunciador. Nesse sentido, o enunciador deixa ver em seu discurso representações sociais e imaginários que se refletem na maneira como são construídas as imagens – *ethos* – dos diversos tipos sociais que procura retratar nas charges. É também por meio dessas imagens que o enunciador mobiliza emoções em função daquilo que faz representar (CHARAUDEAU, 2007b, 2010).

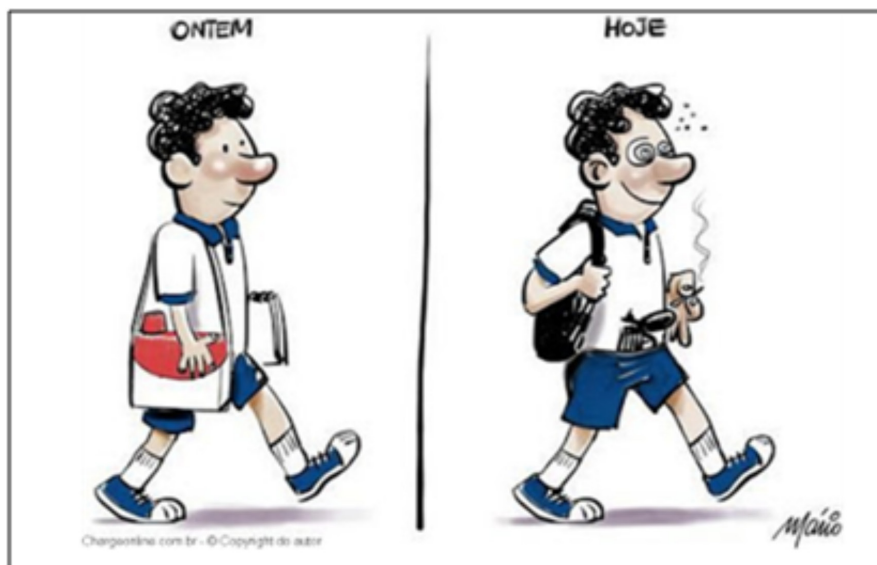
4. Lobo que já foi ovelha: o aluno nas charges sobre educação atualmente

É comum no nosso país encontrarmos discursos que tratam da desvalorização social do professor em virtude dos baixos salários e das más condições de trabalho vividas atualmente, em especial nas escolas públicas. A questão da violência tem agravado ainda mais esse quadro negativo, o que é evidente nos noticiários, que retratam cada vez mais o professor como vítima das mais variadas agressões partidas de alunos dentro das escolas. Há, inclusive, diversos projetos de lei tramitando no Congresso Nacional em defesa da classe do magistério nesse sentido.

Sendo um gênero do contexto jornalístico, as charges também estão conectadas com esses acontecimentos e, em seu projeto discursivo, além de descrevê-los e informá-los como fatos sociais, procuram comentá-los com o objetivo de tocar o outro. Como citamos, é parte da sua tendência à visada de captação mais do que à de informação, que busca envolver o leitor/receptor para que sinta, se emocione, se identifique e venha a aderir ao discurso proposto. As charges mobilizam, assim, efeitos patêmicos trabalhando com a pressuposição de algo que não está no signo, mas que ele porta: os desejos e intenções dos sujeitos, que constituem a troca social e fazem sentido (CHARAUDEAU, 2010, p. 16).

Nas charges, os signos verbais e não verbais são mobilizados na representação de imaginários sociais em torno dos sujeitos envolvidos na educação cotidianamente: o chargista cria imagens de professor e aluno com base em discursos que circulam socialmente, mas ao mesmo tempo imprime nesses imaginários sua visão pessoal, contribuindo para recriá-los e modificá-los. Pretendemos mostrar agora, ainda que preliminarmente (uma vez que esse estudo está em fase inicial), alguns efeitos de sentido da criação do *ethos* do aluno de hoje como um indivíduo dominante e agressivo em contrapartida à criança ordeira e generosa que o representava outrora. Faremos isso através do estudo das relações entre linguagem verbal e não verbal observadas no discurso das quatro charges que compõem nosso *corpus*.

Charge 1



A Charge 1⁴, de autoria do chargista Mário, apresenta a organização do espaço em dois quadros onde é clara a referência a dois momentos históricos distintos: o “ontem” e o “hoje”. A cena se constrói nos dois quadros apenas com um aluno que se dirige à escola, o que pode ser confirmado pela presença de um personagem masculino vestindo uniforme e portando, no primeiro quadro, uma lancheira e um caderno nas mãos e, no segundo quadro, uma mochila.

Sem nenhum enunciado linguístico além das referências ao passado e ao futuro dadas pelas palavras que intitulam os quadros – “ontem” e “hoje” –, o autor confia à parte não verbal de sua produção boa parte dos efeitos pretendidos do discurso que constrói. Ao compararmos os dois momentos históricos da educação representados pela figura do aluno no Texto 1, encontramos dois perfis representados: o primeiro jovem, do passado, revela um *ethos* sério e concentrado, carregando seus materiais escolares; o segundo, atual, portando uma arma na cintura e um cigarro nos dedos, traz no rosto as marcas do entorpecimento das drogas: olhos sem foco e um leve sorriso sem causa.

O chargista cria uma generalização para uma mudança percebida nas características do público que chega à escola ao longo do tempo: não mais o aluno preocupado apenas com seus estudos, mas o que é parte de uma rede cada vez maior de violência

⁴ Disponível em: <http://nepfhe-educacaoeviolencia.blogspot.com.br/2013/04/educacao-ontem-e-hoje.html> (09/06/2014)

e tráfico de drogas, estando nela envolvido de forma passiva, sendo mero usuário, ou como autor, como veremos nos demais textos analisados. Vale lembrar que a escolha dos advérbios “ontem” – que indica o dia imediatamente anterior ao momento em que se fala – e “hoje” – que marca o dia que corresponde ao momento da enunciação – pode sugerir de maneira cômica a rapidez com que essa mudança no perfil do público escolar vem se efetivando em nosso contexto.

Observamos no Texto 1 que a postura e o uniforme dos dois sujeitos representados são os mesmos; as questões que poderíamos levantar como analistas interpretantes são: trata-se da mesma educação nos dois momentos? O que muda no caminho do aluno que se dirigia à escola ontem e do que se dirige hoje? Que intenções tem o aluno que chega à escola atualmente armado e fumando? Quais as consequências dessa “evolução”? As respostas possíveis a essas questões serão obviamente mobilizadas pelos conhecimentos de mundo e de crença dos interlocutores e estarão atravessadas por efeitos de sentido patêmicos pretendidos pelo desenhista.

Charge 2



Na Charge 2⁵ é construído o cenário da sala de aula na qual está situado(a) o(a) professor(a), em sua mesa centralmente localizada na frente do quadro-negro, e

⁵ Disponível em: <http://educacaodeficiente.blogspot.com.br/2013/11/ensino-precario.html> (09/06/14).

um aluno. A cena agora nos remete ao imaginário construído em torno da ação de presentear o mestre com uma maçã, como um gesto carinhoso de homenagem a esse profissional visto no passado como alguém tão próximo a ponto de ser chamado de “tio, tia” – se bem que ainda é.

O Propósito comunicativo⁶ é dado mais uma vez pelo foco na questão da violência, que é citada no título “*Violência assusta professores...*”. Ressaltamos aqui o vínculo que podem possuir as charges com as notícias publicadas na edição do jornal ou periódico que também as veicula. Observamos que, no caso do texto 2, o título dado à charge bem poderia ser a manchete de uma notícia.

A referência ao tempo é estruturada na construção do texto em dois quadros, como no exemplo anterior, e é dessa vez expressa pelos advérbios “antigamente” e “atualmente”, dispostos na parte superior direita. A cor dos cabelos do(a) professor(a) também pode ser um indício dessa passagem de tempo, pois nota-se mais “grisalho” na cena descrita como atual.

O *ethos* do professor é construído pelo chargista Cazo por meio da oposição entre a imagem antiga tranquila, alegre e querida, recebida com carinho e presentes pelo aluno; e a imagem de alguém que, no presente, é ameaçado por um aluno frio e violento, que presenteia seu mestre com uma bomba. É notável a apatia do professor articulada à frieza desse aluno colocado no contexto atual na condição de agressor, cenário que nos permite interpretar certa “naturalização” da violência na charge. Ressaltamos ainda a semelhança metonímica da bomba com a maçã, elementos aqui entendidos como expoentes não verbais da relação contrária construída entre professor e aluno ao longo do tempo. Trata-se de um recurso do chargista para a geração de efeitos patêmicos pelo viés do humor em seu texto.

⁶ Para a Semiolinguística, o Propósito comunicativo diz respeito à temática em torno da qual um discurso é conduzido.

Charge 3



Na Charge 3⁷ encontramos novamente retratado o cenário da sala de aula, tendo a professora próxima ao quadro-negro em sua mesa e a classe à frente desta. Aqui não há a divisão do espaço em dois quadros, mas uma única cena intitulada “Presente”, cuja ideia de tempo se opõe implicitamente e assim nos remete ao sentido da palavra “Passado”. Tempos remotos da profissão docente são retomados também na fala da professora quando diz: “Que saudade do tempo [sic] que eles só traziam canivetes!”.

Tal frase profundamente irônica é complementada pelo texto não verbal na composição do Propósito comunicativo, cujo foco agora recai sobre a questão da violência escolar. A cena coloca a professora na posição de alvo direto de um dos alunos munido de um lança-foguetes, o qual, no disparo, teria atingido parte do penteado da docente e perfurado precisamente o contorno da letra “o” escrito no quadro junto às outras vogais.

O *ethos* do aluno é construído em torno de um personagem que porta toda a indumentária de um soldado militar e se coloca com segurança e tranquilidade diante de seu alvo certo. Note-se que o cálculo preciso do disparo contribui para o efeito humorístico do texto, exaltando a condição de vítima indefesa da professora alvejada.

⁷ Disponível em: <http://storadiooficial.blogspot.com.br/2011/11/charges-sobre-educacao.html> (09/06/14)

A estima e homenagem ao mestre que confundia seu papel com o dos pais no passado agora cede lugar a um agente bélico contra o seu inimigo, retratado de forma bastante cômica e caricata também: trata-se de uma mulher frágil e apavorada pela violência em seu contexto. A fala da professora – “Que saudade do tempo que eles só traziam canivetes!” – pode retratar um tempo em que os alunos praticavam aquelas artes mais inofensivas de criança, como gravar nomes nas árvores e no mobiliário da escola com um canivete. Ao expressar “saudades” desse tempo, a professora se mostra menos preocupada no passado do que no presente com o tipo de “arma” que os alunos podem trazer para a escola com que possam lhe ameaçar ou causar danos.

Charge 4



Finalizando nossa análise, vemos que na Charge 4⁸ o cenário novamente se volta para fora da escola, parecendo ocorrer no ambiente familiar. Um pai e seu filho compõem agora a cena, que retrata o momento em que este chega da escola e apresenta suas notas. Não há a referência explícita e precisa ao passado e ao presente em dois quadros, como em alguns exemplos anteriores, mas a pista sobre esse contraste é lançada na fala dos personagens: o pai diz: “Só nota baixa? *No meu tempo* isso era punido com

⁸ Disponível em: <http://professorapatriciacoosta.blogspot.com.br/2013/03/para-descontrair-uma-coletanea-de.html> (09/06/2014).

uma boa surra”; ao que o filho responde: “Legal pai! Vamos pegar o professor na saída *amanhã*”. Os sintagmas “no meu tempo” e “amanhã” demarcam o conflito entre dois momentos históricos distintos com imaginários próprios acerca do magistério.

O retrato do aluno criado pelo chargista no texto 4 mais uma vez é negativo: é um estudante aparentemente descomprometido, que tira notas baixas, e, portanto, não alcança os objetivos propostos pela escola e pelo professor; além disso, não vê nessa situação algo ruim, pelo contrário, acha engraçado e culpa o professor por seu resultado, sugerindo agredi-lo como forma de punição.

O efeito humorístico do texto se concentra no fato de que os hábitos parecem os mesmos para corrigir o baixo rendimento escolar no passado e no presente: “uma boa surra”. A diferença, que acarreta o conflito de gerações na charge, está em *quem* deve ser corrigido. Na fala do pai, representado por um *ethos* responsável e preocupado, percebemos a visão conservadora de outrora, na qual o professor tem razão em suas avaliações e o aluno carece de correção da família para que evolua. Na fala do filho, um garoto relapso e inconsequente, reconhecemos o imaginário de desvalorização do professor, que tem seu trabalho questionado e ainda por cima está sujeito à agressão física.

Vale acrescentar a potencialização da expressão “pegar na saída”, típica do contexto escolar para tratar de rixas entre alunos resolvidas fora do espaço da escola, que procura inibi-los. Ao associar essa expressão às agressões a que os próprios professores se submetem atualmente por parte dos estudantes, o chargista imprime novos sentidos aos imaginários oriundos dessa construção linguística, promovendo os efeitos de humor e ironia pretendidos em seu projeto comunicativo.

5. Considerações finais

Conforme procuramos mostrar em nossa análise, o dispositivo cênico das charges e sua materialidade verbal e não verbal nos dão pistas sobre os recursos e estratégias patêmicos empregados pelo chargista a fim de alcançar seus objetivos de captação. O jogo de cores, semblantes, formatos e o exagero dos traços articulados aos elementos linguísticos nos revelam uma visão e um posicionamento do Eu-enunciador das charges em relação às mudanças vividas no contexto educacional atualmente, incitando seu Tu-destinatário ideal à reflexão e adesão às imagens e posicionamentos construídos em seu discurso.

Defendemos que as charges revelam com clareza os mecanismos pelos quais o enunciador dá a conhecer a sua intencionalidade, revelando ao mesmo tempo a maneira como as representações sociais em torno da educação – e da figura do aluno mais especificamente – se constroem e deslizam ao longo do tempo na construção dos textos e discursos.

Nesse jogo de efeitos de *ethos* e *pathos*, compõe-se uma rede de crenças na qual

o professor é desenhado como vítima, enquanto o aluno mostra um perfil que se distancia da criança generosa e dedicada que frequentava a escola no passado, assumindo agora uma personalidade desinteressada, agressiva e violenta. O leitor é chamado a ocupar a posição de *voyeur* e de testemunha impotente dessa situação retratada com humor e ironia nas charges sobre a educação de ontem e hoje, mas também é engajado numa reflexão sobre esse contexto, da qual resulta um cruzamento de olhares, conhecimentos e imaginários que permitirá – ou não – que os efeitos pretendidos pelo chargista se concretizem.

Referências

- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007a.
- _____. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). *As emoções no discurso*. vol. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.
- _____. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008a.
- _____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008b.
- _____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. vol. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- DISCINI, N. Ethos e estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 33-54.
- MACHADO, I. L. As palavras de uma análise do discurso. In: LARA, G. M. P. et al. (Orgs.). *Análises do Discurso Hoje: volume 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.177-198.
- MAINGUENEAU, D. Problemas de ethos. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 55-73.
- _____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-29.

MATIAS, Avanúzia Ferreira. *Intertextualidade e ironia na interpretação de charges*. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.